ELEIÇÕES DE MEIO DE MANDATO NOS EUA: IMPACTO SOBRE A GUERRA COM O IRÃ

*Por Hamid Hajizadeh**

Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

A projeção de uma vitória democrata pode elevar a pressão sobre Trump, mas não garante o fim da guerra com o Irã: três cenários revelam como a disputa pelo Congresso e os 61 dias de transição podem influenciar os próximos passos de Washington.

As eleições de meio de mandato nos Estados Unidos ocorreram em meio a uma guerra com o Irã, na qual os custos econômicos e o destino das negociações entre Teerã e Washington tornaram-se questões centrais na disputa política. O resultado dessas eleições não pode ser visto apenas como uma mudança na composição do Congresso; na prática, ele funcionou como um referendo sobre o desempenho e as políticas de Donald Trump. Que impacto esses resultados poderiam ter na guerra entre os EUA e o Irã?

Alguns eleitores americanos, sentindo o peso econômico da guerra, a inflação, a alta nos preços dos combustíveis e a crescente insegurança financeira, traduziram sua insatisfação em votos contra os republicanos. Trump havia chegado ao poder prometendo manter os Estados Unidos fora de guerras dispendiosas. Contudo, viu-se

diante de um conflito sem um fim claro à vista, cujos custos começaram a afetar o cotidiano dos cidadãos americanos comuns.

As vitórias dos democratas em estados tradicionalmente considerados redutos republicanos demonstraram que a insatisfação com Trump ultrapassou as fronteiras convencionais da política partidária. Os democratas conquistaram o controle do Senado e também assumiram a liderança na Câmara dos Representantes. Essa mudança pode fortalecer a capacidade do Congresso de fiscalizar a Casa Branca, desde a investigação dos custos financeiros da guerra até o questionamento das decisões militares e políticas da administração. Ainda assim, o Congresso não tem, por si só, o poder de encerrar o conflito. O presidente dos EUA mantém amplas prerrogativas sobre a política externa e o comando das forças armadas, além da autoridade para vetar legislações. Portanto, uma vitória democrata significaria, antes de tudo, uma maior pressão política sobre Trump, e não necessariamente uma mudança inevitável na política dos EUA.

Durante seu segundo mandato, Trump deparou-se com um dilema estratégico. Por um lado, a continuidade da guerra acarreta custos crescentes, tanto internamente quanto no cenário internacional, ao passo que uma retirada se tornou cada vez mais difícil. Por outro lado, aceitar um acordo que se aproxime das exigências de Teerã equivaleria a abandonar os objetivos originais do conflito, o que teria um custo político junto à sua base de apoio.

A realidade é que, após meses de hostilidades, a estrutura política do Irã permanece intacta, seu programa nuclear não atingiu o desfecho almejado por Washington, e as capacidades iranianas em termos de mísseis e drones continuam sendo vistas como uma ameaça. Nessas circunstâncias, qualquer nova decisão de escalar a guerra poderia aumentar o risco de um conflito mais amplo, desencadear uma resposta iraniana e elevar os custos globais. Alguns analistas descrevem essa situação como uma forma de “humilhação estratégica”: um país com superioridade militar avassaladora vê-se incapaz de alcançar seus objetivos políticos e é forçado a considerar opções que, anteriormente, havia descartado por serem vistas como sinais de recuo. Embora essa caracterização possa não ser inteiramente realista, ela pode, ainda assim, consolidar-se como uma percepção junto ao público.

Nesse contexto, uma vitória democrata poderia alterar a equação política interna dos Estados Unidos. Contudo, não se deve esperar que tal mudança leve rapidamente ao fim da guerra ou transforme, de forma fundamental, a política de Washington em relação a Teerã. Trump poderia, inclusive, reagir a um revés político interno buscando restaurar sua imagem de força por meio de demonstrações de poder no exterior e da intensificação de ameaças militares. Essa possibilidade é particularmente grave para Teerã.

A experiência de 2020 também demonstrou que depositar esperanças em uma mudança de presidente dos EUA não oferece garantia alguma de redução dos riscos militares. Naquela ocasião, a vitória de Joe Biden despertou expectativas de um retorno à diplomacia. No entanto, Trump acabou retornando à Casa Branca, e os receios quanto a uma guerra tornaram-se, por fim, realidade. O sistema político americano pode aumentar a pressão sobre Trump, mas a política externa dos EUA gira, em última análise, em torno dos próprios interesses nacionais americanos. As eleições abrangerão todas as 435 cadeiras da Câmara dos Representantes e aproximadamente um terço das cadeiras do Senado. Sua importância vai além de uma simples mudança na composição do Congresso: seu impacto principal será sentido na política interna dos EUA, nos poderes de fiscalização e orçamentários do Congresso, e no ambiente de tomada de decisão da Casa Branca em relação à guerra com o Irã.

As projeções indicam uma vitória dos democratas, mas a contagem dos votos continua e os resultados oficiais ainda não foram anunciados. Por isso, as avaliações permanecem provisórias, e consideramos três cenários possíveis:

CENÁRIO 1: OS REPUBLICANOS MANTÊM O CONTROLE DE AMBAS AS CASAS

(*Menos provável: as projeções favorecem os democratas, embora a apuração ainda possa alterar o quadro*).

Se os republicanos mantiverem suas maiorias tanto na Câmara quanto no Senado, a administração Trump desfrutará de maior apoio político, ao passo que os obstáculos legislativos e orçamentários serão reduzidos. Isso, contudo, não significa necessariamente que a guerra escalará. Com uma posição política interna mais sólida, Trump poderia optar por intensificar a pressão sobre o Irã ou, alternativamente, apresentar um acordo com Teerã como uma conquista de sua política externa. Portanto, Teerã deve preparar-se para ambas as possibilidades.

CENÁRIO DOIS: DEMOCRATAS CONQUISTAM O CONTROLE DE AMBAS AS CASAS

(*Mais provável: é o cenário mais alinhado às projeções mencionadas, ainda sem confirmação oficial*).

Se os democratas obtiverem vitórias em ambas as casas, a capacidade do Congresso de supervisionar a política externa do governo, examinar os custos da guerra e exigir responsabilidade pelas operações militares aumentará. No entanto, uma mudança no controle do Congresso não levaria, por si só, ao fim da guerra nem à retomada das negociações. O presidente dos EUA continuaria a deter amplos poderes sobre a política externa e o comando das forças armadas. Além disso, divergências entre os poderes

Executivo e Legislativo poderiam tornar mais complexas as decisões sobre acordos de longo prazo.

CENÁRIO TRÊS: DEMOCRATAS CONQUISTAM A CÂMARA, ENQUANTO OS REPUBLICANOS MANTÊM O SENADO

(*Plausível: a disputa por cada Casa ainda pode evoluir de maneira distinta, resultando em um Congresso dividido apesar da vantagem democrata nas projeções*).

Nesse cenário, o escrutínio político e a pressão sobre o governo aumentariam. Contudo, a divisão de poder entre as duas casas tornaria mais difícil a tomada de decisões conjuntas e poderia levar o governo Trump a depender ainda mais de seus poderes executivos. Para Teerã, é importante compreender essas limitações e capacidades. Um acordo baseado apenas em decisões do Executivo poderia enfrentar desafios significativos em termos de durabilidade e exequibilidade.

* * *

O denominador comum em todos os três cenários é que nenhum deles, isoladamente, determinará o destino da guerra ou da paz. Além da composição do Congresso, a política dos EUA em relação ao Irã será influenciada pela situação econômica, pelos gastos militares, pelos desdobramentos regionais, pelas posições de Israel e dos países árabes, e pela avaliação que Trump faz de seus próprios interesses políticos. Nesse contexto, o papel das decisões e iniciativas de Teerã não deve ser subestimado.

Uma consideração ainda mais importante é o intervalo de 61 dias entre as eleições de 3 de novembro e a posse do novo Congresso, em 3 de janeiro de 2027. Durante esse período, os resultados eleitorais estarão claros, mas a autoridade legislativa permanecerá nas mãos do Congresso que está deixando o cargo. Portanto, não haverá vácuo legal ou constitucional no exercício do poder durante essa fase. Em vez disso, Washington poderá vivenciar um período de incerteza política e de reavaliação de cálculos estratégicos.

Esse intervalo pode se tornar um período particularmente perigoso para uma escalada da pressão militar ou, alternativamente, uma oportunidade para avançar em um acordo. Consequentemente, se Teerã pretende alterar as circunstâncias atuais, não deve esperar até a posse do novo Congresso.

***Hamid Hajizadeh** é jornalista iraniano, escritor e poeta persa residente nos Emirados Árabes Unidos. Hamid é analista político e especialista em Turquia, Afeganistão e nos países do Golfo Pérsico. É formado em engenharia econômica e apresentador-especialista em programas de rádio do Irã.*